

Páscoa

2018



La protesta. Oswaldo Guayasamín (1919-1999). Pintor e escultor do Equador.

Ramos na Paixão do Senhor

Serra do Pilar, 25 de março

Glória, honra e louvor, a vós, ó Cristo, rei e redentor!

Vós sois o rei de Israel, De David ínclito Filho
Vós, o rei bendito, Vindes em nome do Senhor”!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (21,1-11)

Quando se aproximava de Jerusalém, ao passar em Betfagé, junto ao Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos, dizendo-lhes: *Ide ali à frente, à povoação, que haveis de encontrar, presas, uma jumenta e sua cria. Soltai-as e trazei-mas. E se alguém vos perguntar alguma coisa, respondei que o Senhor precisa delas, mas não tardará em devolvê-las.*

Os discípulos partiram e fizeram como Jesus lhes tinha mandado: trouxeram os animais e cobriram-nos com capas, e Jesus montou a jumenta. Entretanto, uma numerosa multidão estendia capas pelo caminho, outros cortavam ramos de árvores e espalhavam-nos pelo chão. E tanto as multidões que vinham à frente como as que o acompanhavam diziam em altos brados: *Hossana ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!*

Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou em alvoroço. *Quem é ele?* - perguntavam. E a multidão respondia: *É Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia!*

Oremos (...)

Senhor, nosso Deus e Pai nosso.

Na oliveira significamos a Paz e a concórdia:

porque, sendo embora a árvore mais humilde de todas,
baixa e nada elegante,

do seu fruto se fabrica o azeite,

óleo tão rico na nossa civilização mediterrânica.

Por isso, quando, depois do dilúvio,

a pomba enviada por Noé

voltou com um ramo de oliveira no bico,

nisso se viu o sinal de que, baixadas as águas,

tudo começava de novo, e com a tua bênção.

E o Salmista pôde dizer:

"Como a verde oliveira,

confio para sempre na misericórdia de Deus" (Salmo 52, 10).

Abençoa-nos, pois, estes ramos de oliveira,
que distribuímos entre nós
como sinal de paz e de fraternidade que somos,
na tua Igreja e no nosso Mundo.

Glória, honra e louvor, a vós, ó Cristo, rei e redentor!

Oremos (...)

Pai nosso que estás nos céus!
Para dar aos homens exemplo de humildade,
Jesus, nosso Salvador, que era de condição divina,
aniquilou-se a si próprio.
Aparecendo como homem,
humilhou-se ainda mais
e foi até à morte, e morte de cruz.
Por isso, tu o exaltaste, dando-lhe um nome
que está acima de todos os nomes!
Ajuda-nos a seguir os ensinamentos da sua Paixão
e a merecermos tomar parte na sua Ressurreição.
Ele, que é Deus contigo, na Unidade do Espírito Santo!
Âmen!

Leitura da Carta de S. Paulo aos Filipenses (2, 6 - 11)

Cristo Jesus, que era de condição divina, não reivindicou para si essa sua condição, antes, prescindindo dela, tomou a de servo, [tornando-se] em tudo igual aos homens, rebaixando-se até à morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todos os nomes: Jesus Cristo é Senhor para glória de Deus Pai.

Salmo responsorial

A misericórdia do Senhor cantaremos para sempre!

Os que me veem escarnecem de mim,
distendem os lábios e meneiam a cabeça.
Confiou no Senhor, Ele o liberte;
se lhe quer bem, que o salve!

Repartiram entre si as minhas vestes
e deitaram sortes sobre a minha túnica.
Mas vós, Senhor, não vos afasteis de mim;
sois a minha força, apressai-vos a socorrer-me!

Leitura da Paixão de Jesus Cristo segundo Marcos (Mc 14,1 - 15, 47)

Faltavam dois dias para a festa da Páscoa e dos Ázimos e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam maneira de apanharem Jesus à traição para lhe darem a morte. Mas diziam: *Durante a festa, não, para que não haja algum tumulto entre o povo.* Jesus encontrava-se em Betânia, em casa de Simão, o Leproso. Estando à mesa, veio uma mulher que trazia um vaso de alabastro com perfume de nardo puro de alto preço. Partiu o vaso de alabastro e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Alguns indignaram-se e diziam entre si: *Para quê este desperdício? Podia vender-se o perfume por mais de duzentos denários e dar o dinheiro aos pobres.* E censuravam a mulher com aspereza. Mas Jesus disse: *Deixai-a. Porque estais a importuná-la? Ela fez uma boa ação para comigo. Na verdade, sempre tereis pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a mim, nem sempre me tereis. Ela fez o que estava ao seu alcance: ungiu de antemão o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde quer que se proclamar o Evangelho, pelo mundo inteiro, dir-se-á também, em sua memória, o que ela fez.* Então, Judas Iscariotes, um dos Doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. Quando o ouviram, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava uma oportunidade para entregar Jesus.

Adoramus te, Domine!

No primeiro dia dos Ázimos, em que se imolava o cordeiro pascal, os discípulos perguntaram a Jesus: *Onde queres que façamos os preparativos para comer a Páscoa?* Jesus enviou dois discípulos e disse-lhes: *Ide à cidade. Virá ao vosso encontro um homem com uma bilha de água. Segui-o e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: 'O Mestre pergunta: Onde está a sala em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?'. Ele vos mostrará uma grande sala no andar de*

cima, alcatifada e pronta. Preparai-nos lá o que é preciso. Os discípulos partiram e foram à cidade. Encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito e prepararam a Páscoa. Ao cair da tarde, chegou Jesus com os Doze. Enquanto estavam à mesa e comiam, Jesus disse: *Em verdade vos digo: Um de vós, que está comigo à mesa, há de entregar-me.* Eles começaram a entristecer-se e a dizer um atrás doutro: *Serei eu?* Jesus respondeu-lhes: *É um dos Doze que mete comigo a mão no prato. O Filho do homem vai partir, como está escrito a seu respeito, mas aí daquele por quem o Filho do homem vai ser traído! Teria sido melhor para esse homem não ter nascido.* Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, recitou a bênção e partiu-o, deu-o aos discípulos e disse: *Tomai: isto é o meu Corpo.* Depois, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho. E todos beberam dele. Disse Jesus: *Este é o meu Sangue, o Sangue da nova aliança, derramado pela multidão dos homens. Em verdade vos digo: Não voltarei a beber do fruto da videira, até ao dia em que beberei do vinho novo no reino de Deus.* Cantaram os salmos e saíram para o Monte das Oliveiras.

Disse-lhes Jesus: *Todos vós me abandonareis, como está escrito: 'Ferirei o pastor e dispersar-se-ão as ovelhas'.* Mas depois de ressuscitar, irei à vossa frente para a Galileia. Disse-lhe Pedro: *Embora todos te abandonem, eu não.* Jesus respondeu-lhe: *Em verdade te digo: 'Hoje, esta mesma noite, antes do galo cantar duas vezes, três tu me negarás'.* Mas Pedro continuava a insistir: *Ainda que tenha de morrer contigo, não te negarei.* E todos afirmaram o mesmo. Entretanto, chegaram a uma propriedade chamada Getsémani e Jesus disse aos seus discípulos: *Ficai aqui, enquanto eu vou orar.* Tomou consigo Pedro, Tiago e João e começou a sentir pavor e angústia. Disse-lhes então: *A minha alma está numa tristeza de morte. Ficai aqui e vigiai.*

Adoramus te, Domine!

Adiantando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se fosse possível, se afastasse dele aquela hora. Jesus dizia: *Abbá, Pai, tudo te é possível: afasta de mim este cálice. Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres.* Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: *Simão, estás a dormir? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai, para não entrardes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.* Afastou-se de novo e orou, dizendo as mesmas palavras.

Voltou novamente e encontrou-os ainda a dormir, porque tinham os olhos pesados e não sabiam que responder. Jesus voltou pela terceira vez e disse-lhes: *Dormi agora e descansai... Chegou a hora: o Filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos. Vamos. Já se aproxima aquele que me vai entregar.*

Ainda Jesus estava a falar, quando apareceu Judas, um dos Doze, e com ele uma grande multidão, com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes, pelos escribas e pelos anciãos. O traidor tinha-lhes dado este sinal: *Aquele que eu beijar, é esse mesmo. Prendei-o e levai-o bem seguro.* Logo que chegou, aproximou-se de Jesus e beijou-o, dizendo: *Mestre.* Então, deitaram-lhe as mãos e prenderam-no. Um dos presentes puxou da espada e feriu o servo do sumo-sacerdote, cortando-lhe a orelha. Jesus tomou a palavra e disse-lhes: *Vós saístes com espadas e varapaus para me prender, como se fosse um salteador. Todos os dias eu estava no meio de vós, a ensinar no templo, e não me prendestes! Mas é para se cumprirem as Escrituras.* Então, os discípulos deixaram-no e fugiram todos. Seguiu-o um jovem, envolto apenas num lençol. Agarraram-no, mas ele, largando o lençol, fugiu nu.

Levaram então Jesus à presença do sumo-sacerdote, onde se reuniram todos os príncipes dos sacerdotes, os anciãos e os escribas. Pedro, que o seguira de longe até ao interior do palácio do sumo-sacerdote, estava sentado com os guardas, a aquecer-se ao lume. Entretanto, os príncipes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um testemunho contra Jesus para lhe dar a morte, mas não o encontravam. Muitos testemunhavam falsamente contra ele, mas os seus depoimentos não eram concordes.

Adoramus te, Domine!

Levantaram-se então alguns, para proferir contra ele este falso testemunho: *Ouvimo-lo dizer: 'Destruirei este templo feito pelos homens e em três dias construirei outro que não será feito pelos homens'.* Mas nem assim o depoimento deles era concorde. Então, o sumo-sacerdote levantou-se no meio de todos e perguntou a Jesus: *Não respondes nada ao que eles depõem contra ti?* Mas Jesus continuava calado e nada respondeu. O sumo-sacerdote voltou a interrogá-lo: *És tu o Messias, Filho do Deus Bendito?* Jesus respondeu: *Eu sou. E vós vereis o Filho do homem sentado à direita do todo-poderoso vir sobre as nuvens do céu.* O sumo-sacerdote rasgou as vestes e disse: *Que necessidade temos ainda de testemunhas? Ouvistes a blasfémia. Que vos parece?* Todos sentenciaram que Jesus era réu de morte. Depois, alguns começaram a cuspir-lhe, a tapar-lhe o rosto com um véu e a socá-lo, dizendo: *Quem foi?* E os guardas davam-lhe bofetadas.

Pedro estava em baixo, no pátio, quando chegou uma das criadas do sumo-sacerdote. Ao vê-lo a aquecer-se, olhou-o de frente e disse-lhe: *Tu também estavas com Jesus, o Nazareno.* Mas ele negou: *Não sei nem entendo o que dizes.* Depois, saiu para o vestíbulo e o galo cantou. A criada, vendo-o de novo, começou a dizer aos presentes: *Este é um deles.* Mas ele negou segunda vez. Pouco depois, os presentes diziam também a Pedro: *Na*

verdade, tu és um deles, pois também és galileu. Mas ele começou a dizer imprecizações e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais. E logo o galo cantou pela segunda vez. Então, Pedro lembrou-se do que Jesus lhe tinha dito: Antes do galo cantar duas vezes, três vezes me negarás. E desatou a chorar.

Adoramus te, Domine!

Logo de manhã, os príncipes dos sacerdotes reuniram-se em conselho com os anciãos, os escribas e todo o Sinédrio. Depois de terem manietado Jesus, foram entregá-lo a Pilatos. Pilatos perguntou-lhe: *Tu és o Rei dos Judeus?* Jesus respondeu: *É como dizes.* E os príncipes dos sacerdotes faziam muitas acusações contra ele. Pilatos interrogou-o de novo: *Não respondes nada? Vê de quantas coisas te acusam.* Mas Jesus nada respondeu, de modo que Pilatos estava admirado.

Pela festa da Páscoa, Pilatos costumava soltar-lhes um preso à sua escolha. Havia um, chamado Barrabás, preso com os insurretos que numa revolta tinham cometido um assassinio. A multidão, subindo, começou a pedir o que era costume conceder-lhes. Pilatos respondeu: *Quereis que vos solte o Rei dos Judeus?* Ele sabia que os príncipes dos sacerdotes o tinham entregado por inveja. Entretanto, eles incitavam a multidão a pedir que lhes soltasse antes Barrabás. Pilatos, tomando de novo a palavra, perguntou-lhes: *Então que hei de fazer daquele que chamais o Rei dos Judeus?* Eles gritaram de novo: *Crucifica-o!* Pilatos insistiu: *Que mal fez ele?* Mas eles gritaram ainda mais: *Crucifica-o!* Então, Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás e, depois de ter mandado açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Os soldados levaram-no para dentro do palácio, que era o pretório, e convocaram toda a corte. Revestiram-no com um manto de púrpura e puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos que haviam tecido. Depois, começaram a saudá-lo: *Salve, Rei dos Judeus!* Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante dele. Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e vestiram-lhe as suas roupas. Em seguida, levaram-no dali para o crucifcarem. Requisitaram, para lhe levar a cruz, um homem que passava, vindo do campo, Simão de Cirene, pai de Alexandre e Rufo. E levaram Jesus ao lugar do *Gólgota*, quer dizer, *lugar do Calvário*. Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra, mas ele não o quis beber. Depois, crucificaram-no. E repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para verem o que levaria cada um.

Adoramus te, Domine!

Eram nove horas da manhã quando o crucificaram. O letreiro que indicava a causa da condenação tinha escrito: *Rei dos Judeus*. Crucificaram com ele dois salteadores, um à direita e outro à esquerda. Os que passavam insultavam-no e abanavam a cabeça, dizendo: *Tu, que destruías o templo e o reedificavas em três dias, salva-te a ti mesmo e desce da cruz*. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas troçavam uns com os outros, dizendo: *Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo! Esse Messias, o Rei de Israel, desça agora da cruz, para nós vermos e acreditarmos*. Até os que estavam crucificados com ele o injuriavam. Quando chegou o meio-dia, as trevas envolveram toda a terra até às três horas da tarde.

E, às três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: *Eloí, Eloí, lamá sabachtháni?*, que quer dizer: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* Alguns dos presentes, ouvindo isto, disseram: *Está a chamar por Elias*. Alguém correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta duma cana, deu-lhe de beber e disse: *Deixa ver se Elias vem tirá-lo dali*. Então, Jesus, soltando um grande brado, expirou.

Adoramus te, Domine!

O véu do templo rasgou-se em duas partes de alto a baixo. O centurião que estava em frente de Jesus, ao vê-lo expirar daquela maneira, exclamou: *Na verdade, este homem era Filho de Deus*. Estavam também ali umas mulheres a observar de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e Salomé, que acompanhavam e serviam Jesus quando estava na Galileia, e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém. Ao cair da tarde — visto ser a Preparação, isto é, a véspera do sábado —, José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, foi corajosamente à presença de Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos ficou admirado de ele já estar morto e, mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se Jesus já tinha morrido. Informado pelo centurião, ordenou que o corpo fosse entregue a José. José comprou um lençol, desceu o corpo de Jesus e envolveu-o no lençol; depois, depositou-o num sepulcro escavado na rocha e rolou uma pedra para a entrada do sepulcro. Entretanto, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde Jesus tinha sido depositado.

Adoramus te, Domine!

ao Ofertório

Glória, honra e louvor, a vós, ó Cristo, rei e redentor!

à comunhão

**Ó Senhor, tu és o Pão vivo
Que renova a vida do Homem!**

Pelo pão da Palavra que nos dás, ó Deus,
Nos alimentas e fazes testemunhas do teu Reino!

Pelo sangue e pelo corpo do teu Filho, ó Deus,
nos dá a Vida e chamas ao banquete do teu Reino!

Pela carne e o Verbo, pelo Espírito, ó Deus,
Te revelaste e guias nossos passos, pela Terra!

Pela água e o Espírito gerados, ó Deus,
Nós renascemos e somos enviados em teu Nome!

Oração final

Oremos (...)

No final da celebração
com que iniciamos a semana
que muito justamente dizemos
Maior, Santa ou Autêntica,
nós te pedimos, Senhor:
a nós, que, pela morte do teu Filho,
acreditamos no que a fé nos promete,
faz-nos chegar, pela sua ressurreição,
às alegrias do Reino que esperamos!
Por nosso Senhor Jesus Cristo,
que é Deus contigo, na Unidade do Espírito Santo.
Ámen!

Final

Glória, honra e louvor, a vós, ó Cristo, rei e redentor!

1. Celebração da Ceia do Senhor (5ª feira, às 21H30)

A celebração do 1º dia do «Tríduo Santíssimo do Senhor Crucificado, Sepultado e Ressuscitado» — assim se exprimia Sto. Agostinho — começa com a celebração da «Ceia do Senhor», em tarde (ou noite) de 5ª feira.

Nela se faz memória da **Ceia Pascal** de Jesus com os Discípulos, da entrega do **Mandamento Novo** (sublinhada com o gesto do **lava-pés**), da advertência à atitude cristã do **serviço** e da **instituição da Eucaristia**.

Fazemos anteceder esta celebração de um ritual que nos põe em sintonia com a Páscoa da Antiga Aliança, etapa histórica importantíssima da Páscoa Cristã. É a História da Salvação resumida numa **CEIA** que reúne os Irmãos em Alegria e Sobriedade, apressadamente, pois que é necessário iniciar a celebração do Tríduo.

Como fazer a CEIA?

- a. É necessário começar pontualmente às **20H30**.
- b. Cada um trará, por si ou por outrem, só a quantidade de alimentos que comer; tudo o que sobrar será queimado.
- c. Que alimentos? Apenas frango assado (ou cozido, se for caso de dieta) e ervas (saladas verdes ou hortaliças cozidas). A Comunidade porá à disposição pão, vinho e água. Não se permitirá a entrada na mesa de mais nada.
- d. A refeição terá de ser comida apressadamente: as pessoas vêm do trabalho e vão para a celebração, que é preciso preparar. Por isso, às 21H00 tem de estar a 'comida' terminada.
- e. Esta refeição não é propriamente de festa: um ambiente de certo *recolhimento* deve ser criado.

2. Celebração da Morte do Senhor (6ª feira, às 21H30)

A segunda celebração do Tríduo faz ainda parte do 1º dia do Tríduo: é a celebração da Morte do Senhor, que, segundo o relato evangélico, ocorreu por volta das três da tarde. Assim, esta celebração deveria ocorrer por essa hora. Só o facto de grande parte da Comunidade estar então a trabalhar nos obriga a deslocá-la para a noite.

Há alguns anos que, entre nós, esta celebração é antecedida de uma **refeição de jejum** de pão, água e uma maçã, na consonância com a Morte do Senhor (às **20H45**).

O jejum visa a disponibilização do espírito para Deus e a recolha de bens a partilhar com os irmãos que deles necessitam e que, nos dias que correm, não são poucos. Assim, no fim da refeição, far-se-á a coleta, que será integralmente entregue ao Serviço da Partilha Fraternal. E cada um trará um pouco de pão. A água pô-la-á a Comunidade.

2º DIA DO TRÍDUO - O SENHOR SEPULTADO

O Sábado do Tríduo ficou sempre um dia sem Liturgia; desde a mais remota antiguidade que é um dia de *silêncio e jejum*, de profunda reflexão nas igrejas.

3º DIA DO TRÍDUO, O 1º DA SEMANA - O SENHOR RESSUSCITADO

3. Celebração da Vigília Pascal (Sábado, às 21H30)

A celebração deste último dia do Tríduo começa com a **Vigília Pascal**, que, no princípio, se iniciava por alturas do pôr-do-sol e durava toda a noite.

Esta celebração é, por assim dizer, uma celebração quádrupla: da **Luz**, da **Palavra**, da **Água** (baptismal) e da **Eucaristia**.

Terminada a grande celebração da Vigília, juntar-nos-emos em **convívio alegre à volta da mesa**, traduzindo assim a alegria da Ressurreição. Este convívio terá uma «*cor*» completamente diferente da Ceia de 5ª feira e, por maioria de razão, da refeição de 6ª. Pensamos numa reunião fraternal e alegre à volta da Mesa Comum onde, alta noite e depois de uma longa celebração, possamos «petiscar» qualquer coisa, «beber um copo» ou mesmo aquecer com um caldo verde ou um chá, do que o cuidado fraterno for capaz. No caldo e no chá, os serviços da comunidade pensarão, sendo possível; tudo o mais estará ao cuidado de cada um.

4. Celebração do Dia (11H00)

Esta celebração é uma evidente duplicação para quem celebrou a Vigília até alta madrugada, mas, de facto, necessária para quem o não fez.